

## ISOLAMENTO e INFORMAÇÃO: Memória coletiva e formação de identidade em tempos de Coronavírus através das mídias

**Maria Angelita Silva**

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

**Nerli Nonato Ribeiro Mori**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

### RESUMO

Este artigo pretende fazer uma reflexão sobre a formação da identidade em tempos de Coronavírus, com destaque para dois fenômenos que são resultados imediatos dessa situação: isolamento e informação midiática, pensados aqui em conexão. As discussões teórica e metodológica se dão a partir da Psicologia Social, onde o conceito de memória coletiva será aplicado a fragmentos de narrativas disponibilizadas nas redes sociais, jornais e TV sobre o tema Coronavírus. A proposta é a partir da experiência de isolamento e do cruzamento de informações midiáticas de representantes de quatro esferas discursivas distintas: econômica, científica, política e popular e analisar a percepção da crise sanitária que ora se apresenta em contraposição aos fragmentos de memória coletiva presentes nesses mesmos discursos. Busca-se reconhecer os efeitos do isolamento em conexão com a veiculação de informações simultâneas, numa relação espaço-tempo virtual que modifica pensamentos e comportamentos no espaço-tempo cotidiano-casa; interfere em economias globais e, suspeitamos, interferirá na formação da identidade social, pois se admitimos que memória forma identidade, podemos formular a seguinte questão: o que essa memória coletiva atual, de transição, vai representar na formação da identidade social brasileira e global? Mudanças no mundo do trabalho, na educação, na ciência e relações sociais, políticas, governamentais, econômicas que estavam previstas para se desenvolver em pelo menos uma década enquanto expectativa (memória do futuro) por especialistas<sup>1</sup>, passam a ocorrer em pouco mais de semanas. Na contemporaneidade nosso espaço-tempo sofreu um colapso gigantesco. Como o isolamento, num contexto de informação em rede e mudanças vertiginosas, afeta essa formação da identidade? Discutir esse conjunto de fenômenos e como ele interfere na saúde mental, econômica e social é nosso objetivo e, acreditamos, contribui na mobilização da rede científica para pensar e produzir, intelectualmente, sobre o cenário que estamos vivendo e que reflitam sobre o enfrentamento da COVID-19, no Brasil.

**Palavras-chave:** Isolamento. Informação. Formação de Identidade.

### ISOLATION AND INFORMATION: Collectivememoryandidentityformation in times ofcoronavirusthroughthe media

This article aims to reflection the formation of identity in times of Coronavirus, with emphasis on two phenomena that are immediate results of this situation: isolation and media information, though there in connection. Theoretical and methodological discussions take place from Social Psychology, where the concept of collective memory will be applied to fragments of narratives available on social networks, newspapers and TV on the theme of Coronavirus. The proposal is based on the experience of isolation and the crossing of media information from representatives of four different

---

<sup>1</sup> Cientistas como o biólogo Atila Iamarino, doutor em microbiologia pela USP, com pós-doutorado em Yale, apresenta essa discussão.

discursive spheres: economic, scientific, political and popular, to analyze the perception of the health crisis that now presents itself in opposition to the fragments of collective memory present in the sesame speeches. It seeks to recognize the effects of isolation in connection with the transmission of simultaneous information, in a virtual space-time relationship that changes thoughts and behaviors in everyday space-time-home; interferes in global economies and, we suspect, will interfere in the formation of social identity, because if we admit that memory forms identity, we can ask the following question: what will this current collective memory, of transition, represent in the formation of Brazilian and global social identity? Changes in the world of work, education, science and social, political, governmental, and economic relations that were expected to develop in at least a decade as an expectation (memory of the future) by specialists, start to occur in just over weeks. Nowadays our space-time has suffered a huge collapse. How does isolation, in a context of networked information and dizzying changes, affect this formation of identity? Discussing this set of phenomena and how it interferes with mental, economic and social health this our objective and, we believe, it contributes to the mobilization of the scientific network to think and produce, intellectually, about the scenario we are living in and that reflect on coping with COVID -19, in Brazil.

**Keywords:** Isolation. Information. Identity Formation.

Recebido em: 31/05/2020

Aceito em: 28/07/2020

## APRESENTAÇÃO: FORMAÇÃO DE IDENTIDADE, O ISOLAMENTO SOCIAL E AS MÍDIAS

O que é liberdade no isolamento social? O isolamento modifica comportamentos, mas também aguça realidades já existentes, portanto, a formação da identidade é catalisada, situações que não se observavam com tanto rigor no cotidiano, tornam-se imediatas e inevitáveis.

A convivência como experiência no concerto espaço-tempo se modifica drasticamente, a noção de liberdade também, sem que se possa garantir uma transição lenta e diminuta que impeça as pessoas de perceberem a crise e interferir nela; ao contrário, em meio à crise da pandemia essa mudança espaço-tempo se torna mais do que visível, torna-se implacável.

Nesse sentido, a formação de uma nova identidade coletiva a partir da pandemia é possível? É reconhecível? “Os aprendizados não vêm da experiência, mas do que a gente faz com ela” (IACONELLI, 2020)<sup>2</sup>, por isso, simultaneamente à crise sanitária mundial, enquanto experiência, se faz necessário desenvolver um processo de aprendizagem que não se esgota nessa primeira tentativa de problematização dessa crise sanitária, política, econômica, antropológica, psicológica, cultural e humana, enfim, mas que se prolongará e necessário é para que possamos nos apropriar do conceito de crise enquanto possibilidade de superação da condição indesejada, desconfortável e, no limite, letal.

Para se pensar na conexão entre isolamento e informação midiática poderíamos utilizar a alegoria de “O Poço”, de Gatzelu-Urrutia, filme espanhol de 2019, lançado em março de 2020, coincidindo com o tempo em que foi declarada a pandemia. Trata-se de um suspense psicológico, *O Poço (The Platform)* narra a “convivência” e comportamento “*em uma prisão onde os detentos nos andares de cima comem melhor do que os que estão abaixo, um homem decide fazer algo para mudar essa situação*” (NETFLIX, 2020): se considerarmos a configuração de Estado e mercado como a administração, as mídias e agências de notícias e publicidade como o banquete e, finalmente, o Poço como nossas casas, sugerimos que a conclusão será que a horizontalidade do discurso e das normas esconde a verticalidade das relações.

Este fato aponta para a necessidade de que o público também reconheça as mídias, enquanto técnicas superiores da sociedade da informação, como um agente a ser conhecido, no jogo de interesses e de poder que estão no cerne da sociedade que ora vemos marcada pela perplexidade diante do enfraquecimento do Estado e dos movimentos sociais frente a uma pandemia que

---

<sup>2</sup>Vera Iaconelli é psicanalista, mestra e doutora em psicologia pela USP e diretora do Instituto Gerar de Psicanálise. Disponível em: <https://gamarevista.com.br/semana/como-viver-junto/previsoes-de-como-sera-a-vida-depois-do-coronavirus/> Acesso: 04/04/2020.

necessita de uma união de esforços - e de recursos em economia, saúde, conhecimento e informação para vencê-la. Pensamos que uma nova identidade saída da crise do Coronavírus terá não só a participação formativa das mídias, mas estas também serão afetadas por ela.

### **1.1 Formação de identidade em tempos de pandemia: conceitos para reflexão**

O conceito de identidade brasileira torna-se tema urgente, embalado pela sensação de termos perdido o bonde da história e de nossa propensa liberdade de ir e vir.

Para tal empreendimento podemos recorrer a alguns conceitos sobre identidade. Silva (2019) faz essa análise se valendo de áreas como a sociologia, a antropologia, a psicologia social, dentre outras. Alguns destes, são salutares e, por isso, os trazemos como plano de reflexão para pensarmos o conceito de identidade brasileira em tempos de pandemia e o quanto a formação desta identidade está e será impactada pelos últimos acontecimentos e suas repercussões. O primeiro deles diz respeito a condição social da formação da identidade quando ressalta que a formação da identidade “não depende apenas da vontade do sujeito ou do grupo, mas das condições objetivas do indivíduo e da sociedade para realizá-los” (MORI, 1998, p.13).

A mesma autora analisa que memória forma identidade e que a qualidade dessa memória está ancorada em interesses compartilhados, o que explica algumas lacunas entre memória social/oficial e memória individual (HALBWACHS, 1990), que essa “deve estar vinculada a um grupo social determinado; cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, variando de acordo com o lugar social que é ocupado” (MORI, 1998, p.18). A autora afirma que “é o próprio processo de identificação e o movimento é gerado dentro do contexto histórico-social onde se desenvolvem as relações entre os indivíduos” (MORI, p.12) e propõe que “é fundamental entender sua inter-relação com a representação”.

Berger e Luckmann (1971, p.195) arrematam o tema com uma proposição simples e adequada, afirmando que identidade é “um fenômeno que emerge da dialética entre indivíduo e sociedade”. Na filosofia o conceito de identidade se confirma com a premissa: “identidade é a busca de conforto emocional profundo, uma tentativa de retornar ao conforto de sentimento de pertença, aquele sentimento das comunidades primitivas.”<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Diálogo proferido em Grupo de Estudo/CNPQ “Infância, Adolescência e Juventude, ligado ao PPE/UEM em 31 de maio de 2016, ao analisar a obra de Bauman (1998) “Modernidade e Holocausto” com o prof. Dr. José Antônio Damásio Abib.

### 1.1.1 A formação de identidade brasileira: pluralidade e transição

Da Matta (1986), dedica-se à reflexão de como se constrói uma identidade social, especificamente a brasileira. “Para o autor, a identidade social institui-se de acordo com o posicionamento dos indivíduos frente a determinadas instituições e situações” (PRADO, 2016, p.42).

A construção de uma identidade social, então, como a construção de uma sociedade, é feita de afirmativas e de negativas diante de certas questões. Tome uma lista de tudo o que você considera importante – leis, ideias relativas à família, casamento e sexualidade; dinheiro; poder político; religião e moralidade; artes; comida e prazer em geral – e com ela você poderá saber quem é quem. Não é de outro modo que se realizam as pesquisas antropológicas e sociológicas. Descobrimo como as pessoas se posicionam e atualizam as ‘coisas’ desta lista, você fará um ‘inventário’ de identidades sociais e de sociedades. Isso lhe permitirá descobrir o estilo e o ‘jeito’ de cada sistema. Ou, como se diz em linguagem antropológica, a cultura ou ideologia de cada sociedade. Porque, para mim, a palavra cultura exprime precisamente um estilo, um modo e um jeito, repito, de fazer coisas (Da MATTA, 1986, p. 12).

Nesse ponto da discussão, podemos então, analisar a formação da identidade brasileira a partir da questão da Covid-19. A formação identitária brasileira é composta de características de pluralidade e só pode ser entendida em transição. Não que outras identidades não o sejam, mas ela precisa ser pensada na unidade espaço-tempo, não pode ser reunida como monológica nem no espaço, nem no tempo, mas ela é formada em diversos contextos. A tensão da pluralidade está colocada em afirmação das culturas e identidades locais frente a homogeneização a nível nacional, reflexo da globalização – do mercado e do consumo – impondo valores e identidades que, sendo impostos, num primeiro momento, sofrem a transfiguração epistemológica (SILVA, 2017;2019)<sup>4</sup>: um determinado quadro simbólico que acompanha o processo de globalização, tenta impor a sua aceitação, porém um quadro simbólico local resiste e cria alternativas identitárias para resolver o problema da padronização estéril e imposta.

Esta forma de economia globalizada e de organização da sociedade em rede traz à humanidade uma nova relação de “espaço” e do “tempo”. Tais mudanças que, de acordo com Anthony Giddens (1991) quando se refere a três dimensões das transformações na modernidade “a ressignificação do tempo/espaço, o desencaixe e a reflexividade”, categorizam a configuração social do mundo da informação e do consumo na vida urbana. Para Giddens, é possível observar o “deslocamento” das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”. (SOUZA, 2007, p.48)

---

<sup>4</sup> Basicamente esse conceito parte da defesa de que a episteme do indígena - a forma de relação de conhecimento do indígena com o mundo não-indígena - é utilizada como ferramenta para lidar com as realidades deste mundo em relação com o seu - resistindo à aculturação e assimilação na manutenção, promoção e formação de sua identidade. (SILVA, 2019)

Em “O Povo Brasileiro” Ribeiro (1995) faz um esforço intelectual gigantesco a fim de responder a pergunta: Quem é o povo brasileiro? Qual sua identidade? Procura superar a simplificação de que seja o resultado do “entrelace de três raças” que, harmoniosamente, se deu, a partir do encontro exuberante em terras tropicais. Procura superar os estereótipos do cruzamento das três raças e do branqueamento enquanto projeto político de construção de uma civilização europeizada. Sua narrativa honesta e sistemática apresenta as contradições que envolve a criação desta nação. A unificação a partir de uma língua - a língua do colonizador - não aborta a pluralidade e multilinguismo resistente e criativo. A territorialidade, outro elemento de unificação, apresenta também suas contradições, o espaço-tempo da conquista simbólica e territorial são escancarados em sua dinâmica discursiva, apresentando, portanto, uma identidade nacional plural e em transição. Apesar de não prever a pluralidade e diversidade étnica na sua visão de um desenvolvimento futuro da identidade brasileira, ainda assim traz elementos importantes para refletirmos essas duas dimensões como parte dessa identidade.

Atualmente, o fenômeno da globalização, como antes, no período das grandes navegações, também forjam identidades e contextos sócio-políticos e culturais, imaginar uma identidade nacional que não reflita esses condicionantes é ingenuidade científica, mas acreditar que as identidades sejam apenas resultados destas exigências de mercado sem que se possam se defender minimamente, construindo regras e códigos próprios, é astúcia programada, também um equívoco gerenciado e sistematizado a fim de proteger interesses neoliberais e de padronização global.

Hoje, com esta globalização denominada ‘sem fronteiras’, o mundo está fortemente marcado pela competição econômica, daí a importância de se ganhar novos mercados, pois assim, apesar de não se conquistar terras, como há séculos atrás se fazia, acaba-se conquistando o comércio, e pior, acaba -se também modificando a cultura desses países conquistados. (IANNI, 1997 apud SOUZA, 2007, p. 46)

Essa modificação é tema de interesse de vários sociólogos, antropólogos, economistas, educadorxs, artistas dentre outrxs, a cultura local e global e suas conexões e tensões são objeto de estudo e problematização. O que podemos vislumbrar é que a identidade do povo brasileiro é um tema que merece uma atenção criativa por ser tratar de um contexto complexo e plural. Enfim, “as classes dominantes determinam poder cultural sobre as classes” (SOUZA, 2007, p.46) subalternas:

Com a globalização esta lógica se processa de forma muito veloz. São reações que existem ao processo da globalização sob as máscaras de uniformização mundial, em detrimento da cultura local. Instrumentos cujos interesses estão em favorecer as classes dominantes. (SOUZA, 2007, p. 46).

A identidade do povo brasileiro é formada nessa rede de tensão e conexão equivalentes, do Norte ao Sul, de onde “começa” para onde “termina” o território nacional. O problema da identidade (s) brasileira nos provoca e desconcerta, tamanha miscigenação e epistemes envolvidas

(SILVA, 2019). A partir desta reflexão é que pretendemos incluir a discussão sobre isolamento social e as mídias, pois elas, as mídias, são também esses “instrumentos cujos interesses estão em favorecer as classes dominantes”, como sugerido acima.

## 1.2 O isolamento social e as mídias

O isolamento social é um tema presente nas diversas reflexões e desdobramentos em tempos de pandemia e perplexidades. No entanto, ele não é singularidade desse momento em especial. Santos (2020) promoveu uma discussão bem mais ampla do tema ao admitir outras formas de isolamento social, quando o tema proposto nem estava configurado como problema global. E como não pode ser considerado global e sim localizado, já que afetava grande parte da população mundial? É o caso, como destaca o sociólogo, dos jovens do morro, no Rio de Janeiro, impedidos de frequentar a praias de Copacabana em finais de semana, quando turistas estão ocupando o espaço. Como é o caso dos internados em campos de refugiados, ou pessoas com deficiência<sup>5</sup>, ou mulheres, crianças, negros, LGBTs, indígenas. Ou aquela empregada doméstica negra que há quase 30 anos pega aquela circular para casa dos patrões, médicos, e se queixa da vida não mudar, ser sempre a mesma para ela e sua família, a não ser pelo sonho de sua filha passar no ENEM e se tornar acadêmica de medicina, como os filhos dos patrões. As pessoas internadas em manicômios e que quando são liberadas da clausura, percebem-se tão presas como antes. Ou ainda, os detentos e detentas nas cadeias do interior ou grandes presídios das capitais, no mais profundo isolamento social. As localidades longínquas dos sertões e agrestes, da floresta amazônica, onde o isolamento social é digital, urbano, sanitário e étnico.

O fenômeno do isolamento social nunca foi tão discutido: “e o direito constitucional de ir e vir?”; “Fica em casa”, “não fica em casa”. Que casa? Muitos diriam. Quando a violência doméstica assola e mata. Ou quando o direito à moradia é violado pela sanha do capitalismo em seu estágio mais cínico e imoral, alguns diriam: “o capitalismo é um crime contra a humanidade”. Mas se nada

---

<sup>5</sup> Há algum tempo duas narrativas de pessoas com deficiência expressaram bem a dramaticidade do isolamento social que, não é “luxo” em tempos de pandemia, mas que, ao contrário, para essas pessoas estão colocadas em seu cotidiano mais imediato: uma moça, deficiente física, relatou que certa vez, num pesqueiro com a família e amigos, enquanto todos estavam na lanchonete, garçons e garçonetes acompanhavam a mesa dos fregueses com atenção, até que foram à beira do barranco pescar e a moça com deficiência permaneceu na mesa, por razões óbvias. No entanto, nenhum atendente voltou à mesa desde então. Quando ela os indagou do motivo da dificuldade em servi-la na ausência dos demais, eles responderam: “Nos perdoe, mas não sabemos como servi-la.” Ela usava apenas um andador e estava sentada à mesa. Outro relato, de uma pessoa deficiente visual, foi um convite para homenagem do dia das mães em sua paróquia. No salão paroquial todos se posicionaram e riam e se comoviam, enquanto aquela mãe ficou ausente de toda programação. Ao final, entre aplausos, quando perguntou o que houvera, disseram-na que teria sido um teatro de mímica. O que demonstra que o isolamento social dessas pessoas é anterior, durante e provavelmente, continuará a pandemia.

disso fosse motivo, o isolamento social por si só, sem que economias globais fossem afetadas, ou gerenciamentos globais de consumos e modos de vida não fossem alterados, causando intranquilidade hegemônica, ainda assim, o isolamento puro e simples, de distanciamento social, afetivo, coletivo, comunitário, ainda que pesquisadores<sup>6</sup> já problematizem o grau de possibilidade de sentido de pertença em grandes cidades, ou em função do nível de individualismo exacerbado promovido pelas TICs, ainda assim o tema do isolamento social em tempos de pandemia se configura um drama de grandes proporções.

Com quintais cada vez menores, pomares, hortas, terra molhada pela chuva, varais de roupa a dançar num balé comovente e colorido, janelas abertas, sem grade, arejando os ambientes, amplidão, sendo artigos de luxo que não se tem em grandes cidades, aliás, não se tem em pequenos centros urbanos que já se “apropriaram” indevidamente da ética e estética dos grandes centros. Não há mais quintais, como antes, pobres ou ricos, afortunados ou miseráveis. Não há mais familiares e parentes bem versados na rotina de se frequentarem, avós e avôs em isolamentos contínuos e severos, comunidades populares ou não. Quem prestava atenção nisso? Afinal o espaço tempo, drasticamente, modificado pelo ser e fazer neoliberal, não permite parar para reparar nesses detalhes cotidianos que deixaram de ser necessários na dinâmica de vida de milhões. A vida cotidiana deve se adaptar aos “novos” tempos: tempo é dinheiro. A dramaticidade do isolamento social pela atual crise sanitária global, paradoxalmente, é a grande maioria não ter esse “luxo” em seu horizonte imediato ou distante: o isolamento social mais gritante e dramático é não se poder fazer isolamento social.

[...] outros grupos para os quais a quarentena é particularmente difícil. São os grupos que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela. Tais grupos compõem aquilo a que chamo de Sul. Na minha concepção, o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual. (SANTOS, 2020, p.15).

Existe ainda um outro tipo de isolamento social, o da enfermidade e mortes invisibilizadas. Santos (2020) destaca que o número de mortos, anualmente, oriundos da poluição atmosférica somam 7 milhões de pessoas. E o pensador contemporâneo alerta: “*O tempo político e mediático condiciona o modo como a sociedade contemporânea se apercebe dos riscos que corre.*” (2020, p.22). As mídias são um capítulo à parte e, também e principalmente, em tempos de pandemia, pois a dupla condição isolamento e informação pode oferecer pistas importantes para compormos um referencial significativo no empreendimento de desvendar as marcas e consequências desse

---

<sup>6</sup>Deles, citamos Mario LuisSmall, um sociólogo que fez inúmeras pesquisas sobre bairros urbanos, desigualdade, pobreza urbana e muitas outras. Os interesses de pesquisa de LuisSmall estão nos campos da pobreza urbana, redes pessoais, métodos qualitativos e mistos, epistemologia.

acontecimento global para a formação das identidades locais e globais. O quanto de falseamento e distorção de conteúdos podem ser oferecidos no menu de cada dia em isolamento é tão nocivo quanto antes da pandemia, agora, talvez, mais letal.

A realidade do isolamento aponta para novas, velhas funções midiáticas, as mídias como formadoras de opinião também organizam uma racionalidade formativa e intransigente em criar modelos “racionais” de observação da realidade que, por sua vez, não é representação real, mas seu espelho, convexo, muitas vezes, distorcido. Haja visto o fenômeno, não tão recente, das *fakenews*<sup>7</sup>, produtoras de desdobramentos em todas as esferas da vida em sociedade, assustadoramente, uniforme e eficiente: o que existe ou deixa de existir é mensurado pelas mídias, canais de notícias, agências de notícias e interesses publicitários em geral.

Para pensar na conexão entre isolamento e informação como eixo temático para observar a formação da identidade brasileira atual - partindo da concepção de que memória cria identidades - utilizaremos a teoria de Halbwachs (1990) a partir da qual Silva (2019) traz ao trabalho de memória uma novidade: a quadridimensionalidade do quadro social. É o que veremos a seguir, no próximo tópico.

## **2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS: O DISCURSO DOS DIVERSOS ATORES SOCIAIS À LUZ DA PSICOLOGIA SOCIAL**

Halbwachs (1990) ao se referir ao quadro social atribui uma nova qualidade ao exercício de enxergar a realidade. Ele denuncia, com sua teoria, que enxergar a realidade a partir apenas da memória social e individual enquanto história oficial não é o suficiente para perceber a imagem social e oferece a novidade da memória coletiva como baliza à memória individual, promovendo conexão com a memória social/histórica, reproblematicando-a, contribuindo para sua validação. Aponta, portanto, para uma tridimensionalidade da memória, conforme a análise de Silva (2019).

A partir dessa tridimensionalidade captada por Silva no pensamento de Halbwachs, esta apresenta uma nova dimensão ao quadro social da memória, relacionada com o espaço enquanto base territorial do sujeito cultural, completando então uma quadridimensionalidade. Nessa analogia simples a memória individual representaria o componente vertical do quadro da memória, já a memória social/histórica, o componente horizontal, e a memória coletiva, inaugurada por Halbwachs, a profundidade, um quadro 3D, com altura, largura e profundidade, dimensões do espaço que podemos perceber com nossos sentidos.

---

<sup>7</sup> Para entender esse fenômeno, recomendamos a leitura de Umberto Eco em “O Cemitério de Praga” (2011), se utilizarmos a metáfora das mídias como sendo Simonini, protagonista *expert* em criar versões “criativas” segundo o gosto do freguês, ou seja, quem o contratava para benefício próprio.

Aproveitando, ainda, o raciocínio do autor, quando bebe da concepção de tempo inaugurada por Einstein com a teoria da relatividade para elaborar seu conceito sobre memória, podemos, também, por analogia com a física, como propõe Silva (2019), reformular o lugar da memória na formação da identidade. No caso einsteiniano, a unidade espaço-tempo é composta de três dimensões do espaço - largura, altura e profundidade - acrescidas da dimensão do tempo - o tempo e o espaço são, enquanto unidade, modificado pela gravidade; já, com a autora, se tratando da análise sobre formação da identidade por meio do quadro social da memória das sociedades tradicionais, ela apresenta “[...] três dimensões do tempo - memória individual, memória histórica e memória coletiva – e uma dimensão do espaço - a ação do indivíduo cultural, alicerçada na territorialidade” (idem, 2019, p.45-6) que promovem esse movimento, gravitacional, de tensão e formação da identidade.

Analisando, a partir da problematização desse conceito - memória coletiva - é que buscamos responder a pergunta desse artigo: Como o isolamento, num contexto de informação em rede e mudanças vertiginosas, afeta a formação da identidade brasileira?

Para tanto, analisaremos excertos de quatro discursos que, primeiramente, seriam midiáticos - mas a dificuldade de encontrar discursos de populares deu uma nova tonalidade ao debate – nos quais as categorias de análise serão: memória coletiva, formação de identidade, isolamento e informação. Segue os fragmentos de entrevistas e reportagens de revista, TV e jornal, acrescidos de discursos populares extraídos de redes sociais e escuta ativa de impressões de pessoas da comunidade local<sup>8</sup>.

O discurso econômico escolhido foi retirado da revista eletrônica Gama reportagem 29 de março de 2020, com a seguinte provocação: “Vivemos um problema de coletividade, não um problema individual”<sup>9</sup>. A entrevistada apresenta uma análise que, além de observar as consequências mais imediatas da crise sanitária para governos e economias, sinaliza, como aponta Santos (2020) para uma questão mais séria a nível de economias globais e seus governos:

“[...] esta é uma crise de saúde pública [...] destruição de vidas, evidentemente, [...] mas também de destruição econômica. Porque para proteger as pessoas você precisa de medidas como o distanciamento social, a quarentena, e isso paralisa todo o sistema econômico. [...] O papel dos economistas é ter um rol de medidas paliativas de sustentação econômica para os governos. O Brasil está correndo o risco de ter uma depressão econômica que deve durar um tempo muito longo, pode chegar a uma situação em que dezenas de milhões de pessoas ficarão desempregadas caso o governo não dê a sustentação devida. É fato que teremos recessão. A questão maior é: qual vai ser o tamanho? Isso depende do tamanho da reação do governo.” (BOLLE, 2020).

<sup>8</sup> Uma cidade no interior do Amazonas com 41 mil habitantes na região de tríplice fronteira do Alto Solimões.

<sup>9</sup> Entrevista concedidas a Isabelle Moreira Lima, Laura Capethuchmik e Willian Vieira/ 29 de março de 2020 de Monica de Bolle, economista e pesquisadora sênior do Peterson Institute for International Economics, de Washington. Disponível em: Gamarevista.com.br. Acesso: 29 de março de 2020.

A classe média, pretensamente encarada pelo senso comum como maioria, em todos seus aspectos identitários, consolidada como o padrão comum de organização social é posta em xeque.

Essa crise vai deixar evidente a questão da injustiça social no Brasil. Acho que a melhor forma de explicar como a desigualdade fica tão visível neste momento é pensar numa cena a que eu estava assistindo há pouco na televisão, dos camelôs do Rio de Janeiro recebendo cestas básicas de instituição de caridade e pessoas que foram para o centro da cidade tentar ajuda-los [...] não vai ser mais possível não pensar nos vulneráveis, essa tendência que se tem de fingir que o Brasil é um país de renda média [...] Eu espero que, independentemente, da linha de pensamento, haja um consenso a favor de mais proteção social no pós-crise.(BOLLE, 2020).

Já no discurso científico extraído de uma entrevista transmitida ao vivo em 30 de março de 2020 no programa Roda Viva, pela jornalista Vera Magalhães, o biólogo e divulgador científico Atila Iamarino<sup>10</sup>, doutor em microbiologia pela USP e fundador da maior rede de blogs de ciência do país, afirma: “se não forem tomadas as devidas providências, o mundo vai enfrentar um cenário de apocalipse.” (RODA VIVA, 2020)<sup>11</sup>.

Ele diz ainda que mudanças no mundo do trabalho, na educação, na saúde, nas relações sociais e ambientais que eram esperadas para daqui uma década, por exemplo, aconteceram no prazo de algumas semanas. Isso exige, portanto, uma disposição para alterações drásticas de nossa rotina que, como vemos, não estávamos preparados para absorver.

No entanto, na contramão destas reflexões, em suas principais argumentações, vem os excertos de discurso político recolhidos do Jornal Estado de Minas (LOPES, 2020)<sup>12</sup>. Frases do presidente do Brasil sobre a pandemia estão em destaque em qualquer site de busca sobre o assunto, são abundantes e anedóticas, mas se forem observadas com mais atenção podem se relacionar aos discursos acima - econômico e científico. O jornal apontou em seu trabalho de amostragem falas do Presidente da República num curto período de tempo entre dia 10 a 27 de março do ano corrente:

10/03/2020: ‘[...] Obviamente temos no momento uma crise, uma pequena crise, né, no meu entender, muito mais fantasia a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propala ou propaga pelo mundo todo [...]’

15/03/2020: ‘[...] nós não podemos parar a economia, e eu tenho que dar o exemplo em todos os momentos. E fui, realmente, em frente ao palácio. [...]’

17/03/2020 ‘[...] com toda certeza há um interesse econômico envolvido nisso tudo, para que se chegue a esta histeria. [...]’

23/03/2020: ‘[...] também, como não temos como evitar o vírus, estamos apenas tentando alongar a curva da contaminação, nós estamos fazendo o possível, não dá para ir além do que estamos fazendo, todos os ministérios têm trabalhado incessantemente[...].’

27/03/2020 ‘[...] A gente não pode parar a fábrica de automóveis porque tem 60 mil mortos no trânsito por ano. Tá certo?’ (Jornal do Estado de Minas Gerais, 2020)

<sup>10</sup> Disponível em: <https://youtu.be/s00BzYazvU>. Acesso em: 31 mar.2020.

<sup>11</sup> Disponível em: [youtube.com](https://www.youtube.com). Acesso em: 14 maio 2020

<sup>12</sup> Estagiário sob supervisão do subeditor Rafael Alves.

Enquanto sociólogos(as), economistas, gestores(as), cientistas, apontam para as estatísticas e índices de morte, pobreza e problemas ambientais como basilares para repensar a razão e ética social, a moral dessa forma de organização social nociva e excludente, no discurso do presidente ele usa estatísticas de morte no trânsito para defender essa forma de economia neoliberal, sob o pretexto de que não se deve parar, como único e possível modelo político e econômico a ser empreendido e defendido, exposto na indagação de seu discurso populista: “Morrer de fome ou de epidemia?”

Na busca pela contribuição do discurso popular a essa problemática nos deparamos com a escassez de registros, praticamente inexistentes nas mídias. A grande mídia, ou noticiários e telejornais preferem falar sobre as pessoas e não falar com elas sobre a crise sanitária e modular o discurso para que, num segundo ato, a população se aproprie como sendo seu. Não parece muito diferente do que normalmente ocorre, com a diferença que, com a pandemia, uma lupa nos faz observar com mais atenção os acontecimentos em todo mundo. O empenho dessa reflexão nos trouxe esse problema. Segue quatro pessoas<sup>13</sup> diferentes que desenvolveram discursos sobre a pandemia.

A primeira delas expõe suas preocupações sobre a novidade apresentada pela possibilidade de contágio:

Minha preocupação é se chegar aqui muita gente vai morrer: não temos leitos, nem UTI, nem medicamentos, nem equipe de saúde, nem temos como ir para Manaus! (16/03/2020 - Zuleica, microempresária no interior do Amazonas).

Na mesma comunidade, outra pessoa, quando foi convocado a comparecer na delegacia para lidar com comerciantes que se recusavam a aderir ao isolamento social, expressa:

A Constituição me garante a liberdade de ir e vir, considero esse decreto do prefeito um desrespeito ao cidadão, um exagero, não concordo.(03/04/2020 - Sebastião, policial civil, interior do Amazonas)

Já um jovem no outro extremo do país, ao ser questionado sobre suas impressões sobre a pandemia e o que escuta nas mídias, pondera:

(...) Eu não pensava que ia ser perigoso assim, mas agora parece que pode piorar. (29/03/2020 - Guto, jovem de 18 anos de cidade de médio porte do Sul país)

Uma professora no Distrito Federal quando perguntada de como recebeu a notícia da pandemia, lembra que:

---

<sup>13</sup> O discurso direto, nem das pessoas comuns, nem de seus grupos comunitários em contraste com a pesquisa realizada para captar o discurso dos demais agentes propostos por esse texto, não foram encontrados com palavras chave: “frases de populares sobre pandemia”; “frase de pessoas comuns sobre covid-19”. Portanto, a busca foi realizada a partir de fragmentos de discursos locais e em redes sociais. Os nomes são fictícios.

No início foi assustador. Fiquei uns 4 dias diante da TV tentando entender. Depois fui buscar sabedoria para passar por isso sem surtar. (18/04/2020 - Maria, professora do DF)

Essas pessoas receberam as primeiras notícias sobre a crise sanitária e informações sobre isolamento social e/ou seu afrouxamento pelas mídias, especialmente, TV – telejornais, agências de notícias e seu “time” de comentaristas. A ideia de dar um verniz de autenticidade tem como instrumental reunir comentários de diversos especialistas de áreas específicas de setores da sociedade: médicos, biologxs, economistas, jornalistas políticxs, cientistas, psicólogxs, consultados no afã de oferecer conteúdo que seja legítimo, a partir do modelo científico de buscar reflexão sobre os temas da sociedade e do confronto entre diversos autores, conceitos e teorias. Perfeito, se o discurso popular não ficasse de fora. Isso fica evidenciado, por exemplo, quando esse discurso não pôde ser encontrado pelas mesmas ferramentas de busca que nos apresentaram os demais discursos propostos – os da economia, da ciência, da política.

Parece que o empenho das mídias de traçar um perfil do público e seus interesses e características, tão bem organizado por agências contratadas para investigar a identidade de seus consumidores - no caso, quem consome notícias e informações - não se repete quando o tema é escuta ativa sobre opinião ou experiências vividas e compartilhadas na coletividade. Quase sempre os noticiários reproduzem reportagem em que o povo está num ângulo secundário, onde o/a repórter se posiciona à frente. E quando há uma visão do público, essa é geral, distanciada. Os fragmentos de falas são direcionados e editados de modo a conferir maior exatidão ao direcionamento imposto.

Quando muito, se na mídia independente, o/a entrevistador/a se dedica a escutar alguém, essa condição, imediatamente, passa ser encarada como anedótica, caricaturada. Foi o que ocorreu com apenas duas falas de populares encontradas no sistema de busca mais comum na internet, ambas senhoras idosas da região Nordeste<sup>14</sup>- as únicas que foram possíveis encontrar - que, ao acompanhar pela TV as recomendações sanitárias - de maneira fragmentada - se esmeraram em dedicar trabalho em desinfetar seus espaços cotidianos e, inclusive, uma delas afirma ter visto e matado o Coronavírus, depois de limpar completamente sua residência e, afirma, ter certeza que se tratava do vírus em questão porque viu na televisão. Outra, teve problemas de coluna, câimbras e dores nos braços de tanto limpar sua residência depois de uma filha afirmar ter vírus em seu pen-drive de músicas selecionadas para o dia-a-dia. Ligou para unidade de saúde relatando que estava com os sintomas do Coronavírus que, talvez, tivesse sido contaminada.

Fica evidente o esforço dessas pessoas em dar uma resposta proativa a informações e notícias em formato aquém de sua necessidade e/ou possibilidade de compreensão, por parte de

---

<sup>14</sup>Eu matei o Coronavírus – Como não amar o povo nordestino do Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-LsY4eQbPM4>. Acesso: 18 jul. 2020. Passou álcool na casa por causa do virus no pen drive | OFICIAL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ibYn9rSB01Q>. Acesso: 18/07/2020

mídias altamente homogeneizantes e fragmentadas que, em sua aparência parecem ser eficientes, mas na sua essência, são excludentes e manipuladoras. Situações como estas expressam a escassez de possibilidade de promoção social da notícia e da informação a ela relacionada, pois não há inclusão desta parcela da população na sociedade da informação, sem que essa se faça sociedade do conhecimento, o que equivaleria à democratização dos canais de informação.

Isso pode ser observado nos quatro relatos acima oferecidos para análise. As mídias<sup>15</sup> são, e continuam sendo, no momento atual e atípico, as principais formadoras e educadoras sobre a realidade. Contudo, não são eficazes e, poderíamos supor, que não o são por exigência de suas matrizes de utilizar as características de formação potencial educativa dessas mídias para promover deliberadamente a fragmentação, um saber fragmentado. As mídias mais deformam do que formam, são veículos de disseminação de discursos necessários à manutenção de crenças, versões e mitos para garantir interesses no jogo de poder.

A memória coletiva enquanto aquela capaz de oferecer legitimidade à formação da identidade, por ligar a memória individual à social de maneira a problematizar possíveis erros e equívocos, tirando a prova real, se em meio ao isolamento e informação não for aprofundada, ampliada e promovida, corre-se o risco de que a formação da identidade brasileira se faça pelo viés da subordinação aos interesses impostos pelo grande capital enquanto fetiche de mercado. Um engodo, um mascaramento da realidade original.

Nesse sentido, as mídias são bem eficientes. Existe um projeto que caminha na direção da não emancipação. Há para isto uma metodologia, essa é nossa suspeita, a ausência de discursos populares nas mídias aponta para isso. Veremos a seguir, na relação da condição de isolamento imposto pelo próprio sistema ao discurso popular, mais explícitos em tempos de pandemia, seus impactos na formação da nossa identidade.

### **3 A ALEGORIA DE “O POÇO”: AS MÍDIAS COMO UM AGENTE A SER CONHECIDO**

“O Poço”, de Gatzelu-Urrutia, filme espanhol de 2019, lançado em março de 2020, foi eleito como metáfora para a análise que pretendemos realizar a partir da constatação, ainda prematura, mas com certeza, provocativa, de que devemos nos debruçar ao imperativo “[...]cada vez mais, o poder político e econômico dos grandes impérios empresariais e multinacionais da comunicação se concentra em um número cada vez menor de poucas mãos. (ABRAMO, 2016, p.10). Na nossa analogia Estado e mercado representam a administração, as mídias e agências de

---

<sup>15</sup> É claro que nem todas têm como método e objetivo a alienação e mitificação, contudo, mesmo mídias independentes não puderam nos oferecer discursos de populares sobre o tema proposto.

notícias e publicidade representam o banquete e, finalmente, o Poço como nossas casas. Nossa suspeita é que a conclusão será que a horizontalidade do discurso e das normas esconde a verticalidade das relações. Pois, no filme, na aparência há uma democratização da escolha do cardápio que será servido, mas jamais seus “participantes” participam de verdade da escolha de ingredientes, disposição e quantidade que será servido. Os participantes não compartilham seus gostos e escolhas com os demais. O banquete que prevê confraternização, comunhão, celebração, é oferecido num espaço-tempo que não permite tal caracterização. Por fim, há “privilégios” de quem recebe o banquete numa ordem estabelecida pelos andares que compreendem o complexo prisional. Aliás, não fica claro que se trate de um sistema prisional formal, contudo, as pessoas estão em confinamento, sem ventilação, sem janelas, apartadas pela ideologia do sistema que os impede de se tornarem comunitários. As mídias em tempos de pandemia preparam o banquete diário da informação e comunicação sistêmica: os grandes centros, como os primeiros andares, recebem a informação via satélite, via fibra ótica, em tempo real; regiões remotas de isolamento geográfico e econômico recebem o baquete da informação como os últimos sujeitos da alegoria, uma mesa suja, com restos, cuspidos, deformados pela grande maioria que já se valeu do banquete para se “nutrir” e praticar sua gula indecente. O acesso à informação é restrito deformado e demorado, quanto mais longe dos primeiros andares as pessoas se encontram, menos possibilidade de encontrar os sabores e visual dos pratos que foram preparados se dá, de forma a se desfrutar do que seria esse banquete. O resultado é desnutrição/desinformação, fragmentação e desaparecimento de uma vida digna e saudável. A administração fracassou. Ou teria obtido sucesso? Afinal qual era o resultado esperado? Qual o mérito desse experimento para a sociedade? A que interesses esse empreendimento está comprometido? Quem financia o banquete e por quê?

Essas perguntas podem conduzir a possíveis respostas porque a metodologia da grande imprensa não passa pela conexão de discursos técnicos, especialistas e popular. Porque o povo não é consultado, não participa da organização de discursos comuns? Por que o povo não é convocado no momento de produção da informação? Por que “[...] a linguagem como meio de comunicação e expressão da cultura de um povo, bem como meio de construção da identidade de cada ser humano.” (ROMÃO, GADOTTI, 2012, p.80) não é considerada? Provavelmente porque “[...] língua e linguagem e sua relação com a cultura, a educação e o poder [...]” (ROMÃO, GADOTTI, 2012, p.11) são artífices de grande repercussão para setores da sociedade que se beneficiam de tal estratégia de poder.

#### **4 LIBERDADE E ISOLAMENTO SOCIAL: A FORMAÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE COLETIVA A PARTIR DA PANDEMIA, PALAVRAS FINAIS**

Mesmo sob o domínio colonial, em que as elaborações da visão colonizadora se tornam hegemônicas, as culturas oprimidas são indestrutíveis, segundo Amílcar Cabral (1973, p. 61): “reprimidos, perseguidos, humilhados, traídos por determinados grupos que assumem compromisso com o poder estrangeiro, sua cultura refugia-se nos vilarejos, nas florestas e nos espíritos das vítimas da dominação”(ROMÃO, 2012, p.31)

A formação de uma nova identidade coletiva a partir da pandemia é possível? É reconhecível? Acreditamos, firmemente, que sim.

“Cada vez mais, em todo o mundo, as línguas locais vêm sendo valorizadas” (ROMÃO, GADOTTI, 2012, p.81), portanto, essa fragmentação tende a se tornar mais evidente e escancarada. “Assim como os partidos e outras instituições, essa imprensa que se arvorou representante de parcelas da sociedade também sofre uma crise de credibilidade e de representação (ABRAMO, 2016, p.12).”

Por fim, para estabelecer o objetivo por excelência dessa discussão, qual seja, refletir sobre a formação da identidade brasileira a partir da conexão isolamento e informação pelas mídias em tempos de pandemia, a partir do entendimento que sem o filtro da memória coletiva, criativa em seu cerne, resistente e transgressora, não é possível uma formação de identidade brasileira legítima, confiável, faço minha a indagação da jornalista e ativista pelo direito à privacidade e liberdade de expressão na internet, Patrícia Cornils - quem realizou a apresentação da segunda edição da obra Padrões de manipulação na grande imprensa (2016):

Sempre me pergunto o que repórteres, historiadores, pesquisadores futuros poderão entender sobre o país quando consultarem os arquivos da atual produção da grande imprensa. Acredito que saberão, a partir desses textos, fotografias, edições, menos sobre o Brasil e mais sobre a mídia brasileira. (ABRAMO, 2016, p.12)

É na memória coletiva atual, a memória do presente, qual o papel das mídias em oferecer contornos de estatuto de verdade aos acontecimentos? O quanto o povo brasileiro tem de recursos linguísticos e de representatividade para fazer valer sua episteme e visão de mundo? Queremos concluir com perguntas, para possibilitar um caráter não terminativo ao tema tão urgentemente necessário num período de grandes convulsos sociais, econômicas, políticas, culturais.

O povo brasileiro tem a sua linguagem, tem a sua ciência, seu repertório de informação, sua ancestralidade competindo com a deslealdade de um sistema que quer, pelo controle de seus corpos e modos de ser, dominar consciências e formar identidades compactas, planejadas a priori, pelas agências de informação, publicidade e notícias. Ainda que a grande imprensa tenha que concorrer com novas tecnologias da informação e comunicação, essas ainda se valem daquilo que é produzido pela grande imprensa, com matriz, fonte de informação. E se essa matriz não considera,

como acima destacamos, o local de fala daqueles que protagonizam a memória coletiva, pouco de verdade, podemos supor, pode ser considerada na formação da identidade brasileira oficial. Contudo, muito desta verdade pode ser observada pelas lentes educativas de quem se vale da cultura local como arma de resistência e persistência em existir, não como invenção midiática, mas como possibilidade inventiva de si próprio.

Há de se ter esperança, há de se propor, a partir da pandemia e suas configurações e resultados imediatos – o tema controverso isolamento social e informação midiática – e, a longo prazo, propor um tipo de engajamento que escape ao fetichismo de mercado, mistificação e perversidade de modelos prontos. O isolamento social pode funcionar com o efeito contrário do que se espera: o tempo para pensar, refletir a realidade e descobrir que espaço-tempo do neoliberalismo além de imposto é postigo. Que todo seu aparato ideológico pode ser colocado em xeque e que outra forma de vida e relacionamentos sejam possíveis, pode ser o saldo desta crise sanitária e econômica. De repente a falta de tempo e espaços cada vez menores e compactos, virtuais, consequências mais imediatas desse modelo de existência e suas imposições podem ser confrontados pela possibilidade de novos modelos de comportamentos inaugurados pela pandemia. Resta avaliar, até que ponto as ideologias vigentes – a principal delas, a criação de uma série de crises crônicas que desde as décadas de 1980 - se alimentam de pseudos fenômenos econômicos e políticos e prosperam sobre culturas locais e seus esquemas identitários, buscando impedir de se tornar protagonistas de suas realidades locais vão se comportar diante da crise real imposta pela covid-19, por sua vez, como as realidades locais podem se valer dessa interrupção de mercado. De repente “o rei está nu”. Mantemo-nos alerta para, na coletividade, avaliar e julgar, propor soluções, uma delas, que as mídias possam dialogar com pessoas comuns atribuindo a esse discurso a mesma representatividade na leitura da realidade. Que esses discursos sejam observados, analisados e incluídos na ordem do dia, sejam matéria de reflexão sistemática e cooperativa. Que haja de fato a democratização dos motivos e discursos enquanto memória coletiva a formar identidades.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. Laura Caprigliole (Col.) *et al.* 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- BOLLE, Monica de. **Vivemos um problema de coletividade, não um problema individual**, concedidas a Isabelle Moreira Lima, Laura Capethuchmik e Willian Vieira. Gama. 2020 . Disponível em: [Gamarevista.com.br](http://Gamarevista.com.br). Acesso: 29 de março de 2020.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.

LOPES, Jorge. Estagiário sob supervisão do subeditor Rafael Alves. Jornal Estado de Minas. **Vídeo: as frases de Bolsonaro sobre a COVID-19 durante a pandemia**. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/05/09/interna\\_nacional,1145913/video-as-frases-de-bolsonaro-sobre-a-covid-19-durante-a-pandemia.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/05/09/interna_nacional,1145913/video-as-frases-de-bolsonaro-sobre-a-covid-19-durante-a-pandemia.shtml). Acesso em: 16 maio 2020. Atualizado em 09 maio 2020.

MORI, Nerli. N. R. **Memória e identidade**: a travessia de velhos professores através de suas narrativas orais. Maringá: EDUEM, 1998.

NETFLIX. **O poço**. 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81128579>. Acesso: 18 jul. 2020.

PACHECO, Rafael. M. **Os Xetá e suas histórias**: memória, estética, luta desde o exílio. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia). 291 f. Departamento de Antropologia - Universidade Federal do Paraná, 2018.

PRADO, Franciele. M. **Fazendo antropologia na rua**: a gênese da produção social da marginalidade entre os “flanelinhas”. 104 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Maringá, 2016.

RIBEIRO. Darcy. **Os índios e a civilização**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

RODA VIVA. Entrevistacom AtilaIamarino transmitida ao vivo em 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s00BzYazxvU>. Acesso em: 14 maio 2020.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral**: a descolonização das mentes. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SILVA. Maria Angelita da. **Vulnerabilidade na infância e adolescência e as políticas públicas de intervenção**. Maringá: NEAD/UNICESUMAR, 2017.

SILVA, Maria Angelita da. **Memória e identidade do Povo Xetá**: narrativas visuais e memória coletiva no quadro da dispersão. 2019. 269 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

SOUZA, Ana Daniela de. **A identidade forjada pela mídia**: Expressões cotidianas reveladas por jovens das classes populares em roteiros pelos metrô de São Paulo. 2007. 179 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca, 2007.

## AUTORAS:

### **Maria Angelita Silva**

Professora Adjunta A/Classe A - do INC/UFAM - Universidade Federal da Amazônia. Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (2000).

Pós-Graduação em Psicologia Aplicada à Educação pela Universidade Estadual do Piauí (2002).  
Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2013). Doutorado em Educação  
pela Universidade Estadual de Maringá (2019).

E-mail: [angelita@ufam.edu.br](mailto:angelita@ufam.edu.br)

**Nerli Nonato Ribeiro Mori**

Professora Titular do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-  
graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

E-mail: [nrmori@uem.br](mailto:nrmori@uem.br)